

Considerações finais

Zélia Lopes da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, ZL. Considerações finais. In: *Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964)* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 203-206. ISBN 978-85-68334-54-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar os festejos carnavalescos na cidade de São Paulo de 1940 a 1964 é um significativo desafio, pelo tempo longo e porque o período é atravessado por situações diversificadas que envolvem uma ditadura, uma guerra mundial e a redemocratização do país, situações que trazem modificações no cenário interno da nação e nos ânimos dos foliões para envolver-se com esses folguedos. Além dessas peculiaridades, convém lembrar que, nesse processo, as capitais brasileiras, a partir da década de 1950, sofreram intensa urbanização, notadamente a cidade de São Paulo, que viveu uma explosão populacional em decorrência de seu paulatino processo de industrialização ao longo dessas décadas.

Os indícios localizados em diferentes fontes permitem afirmar que, embora os festejos carnavalescos tenham sofrido significativas modificações, eles não deixaram de existir na cidade, nem mesmo no período da Segunda Guerra Mundial. Após o término do conflito bélico, lentamente os foliões superaram os entraves que os impediam de participar mais efetivamente nos festejos, entraves estes relacionados às muitas carências enfrentadas no dia a dia, como o alto custo de vida, os baixos salários, o racionamento de combustível e de gêneros de primeira necessidade.

O outro aspecto a considerar é o fato de os festejos terem, em alguns momentos, se deslocado para os espaços fechados, reforçando o papel dos clubes que ainda se constituíam em seu efetivo sustentáculo. Essa situação reforçou as agremiações localizadas nos bairros, que se tornaram os principais núcleos das comemorações carnavalescas, o que favoreceu a sobrevivência dos redutos dessas celebrações e do samba, permitindo a emergência das novas escolas de sambas, ou da continuidade dos antigos cordões. São esses cordões, juntamente com as escolas de samba já existentes, que, no final da década de 1960 e início de 1970, formarão “as escolas de samba de São Paulo”, oficializando o Carnaval nessa cidade e valendo-se do paradigma do Carnaval praticado no Rio de Janeiro.

As pesquisas que abordam essa década sugerem a aceleração do processo de massificação da sociedade brasileira, colocando na ordem do dia práticas sociais articuladas a outros canais de comunicação, como o rádio e o cinema e, posteriormente, a televisão (Hamburger, 1998). Nessas avaliações, tais veículos passam a ter significativa projeção no período e se constituem em divulgadores de certo modo de vida e, também, cabe acrescentar, de um novo estilo de brincar o Carnaval.

Os resultados dessas pesquisas, portanto, sobre os carnavais brincados na cidade de São Paulo, nos anos mencionados, trazem elementos importantes para a percepção dos folguedos e as modalidades de seu aparecer nos espaços públicos e fechados durante os dias dedicados a Momo. Ficou em evidência que, embora não sejam exibições espetaculares, os moradores da cidade colocavam suas fantasias ou se vestiam despojadamente e caíam na folia, antes e durante os Dias Gordos, de sexta a terça-feira, nos muitos bailes que ocorriam nos clubes ou em outros espaços, mediante pagamento de ingressos e, também, nos folguedos de rua da cidade, onde quer que eles tenham ocorrido.

Outro aspecto a considerar diz respeito à própria dinâmica, já que o modelo anteriormente consagrado de carnaval de rua com o curso e os desfiles das grandes sociedades carnavalescas, apesar de ainda incentivado por setores da mídia e do poder público, não agradava

mais aos foliões. O curso apareceu esporadicamente em certos trechos em função de sua obrigatoriedade legal.

No tocante aos folguedos que se concentraram nos bailes dos clubes espalhados pela cidade, ganharam destaque aqueles realizados em locais espaçosos, a exemplo dos estádios de futebol, Pacaembu e Corinthians, os grandes cinemas da capital, como os cines Odeon (até 1954), na Rua da Consolação, e o Oberdam, no bairro do Brás, e nos espaços do Aeroporto de Congonhas. Já os carnavais populares, de rua, tiveram suas exibições ocorrendo na Avenida São João, nos bairros de Vila Esperança, Alto da Mooca e na Lapa. Em alguns anos, eles se deram também em espaços fechados, a exemplo do Parque Pedro II (década de 1940), Parque Antártica e Parque do Ibirapuera (nas décadas de 1950/60).

Por conseguinte, esses carnavais que se manifestaram pela cidade, em diferentes espacialidades, plasmaram certo perfil a esses folguedos, marcado pela descentralização, em que pese a tentativa da Prefeitura da capital (em alguns anos) e das entidades da imprensa (primeiro o Centro dos Cronistas Carnavalescos, depois de 1955, a Associação Paulista de Imprensa Carnavalesca), das rádios, jornais e televisão que insistiram, por longas décadas, na organização dessas festas carnavalescas na Avenida São João, referência memorial dos carnavais de rua da cidade. Porém, nesse processo, percebe-se que o sustentáculo dos festejos ainda eram os bailes realizados nos clubes e associações diversas, que agregavam os seus associados durante os Dias Gordos e, ao longo das décadas, também, os foliões pagantes.

Nota-se, em contrapartida, que a imprensa foi bastante comedida em sua cobertura. Mas as fotos de foliões publicadas por esses mesmos órgãos da imprensa, nos diferentes espaços festivos, desvelam o *glamour* e a irreverência de seus participantes, independentemente das diferenças em relação aos pândegos de outrora, considerando que uma das características desse período é o despojamento das vestes, em lugar das costumeiras fantasias, o que leva esses cronistas a relativizar os eventos ao nomeá-los, em alguns momentos, de meros bailes que pouco se distinguem dos bailes realizados ao longo do ano por esses clubes e associações. Esse caráter despojado, entretanto, não

impede as manifestações jocosas que aparecem expressas nas fantasias de foliões em trajes de palhaços mascarados, registradas pelos fotógrafos dos jornais que expressam os desejos de imprimir, pelo ocultamento, outra visão dessa festa do desgoverno. Igualmente, os artistas do traço – J. Carlos, Théo, Claudius, entre outros – ao longo das décadas imprimiram suas visões sobre esses festejos ao trazerem para os palcos das festas não apenas homens e mulheres comuns, mas também, autoridades políticas, tais como o presidente da República, vice-presidente, governadores, entre outros, cujas fantasias e situações embaraçosas promovem o rebaixamento pelo riso decisivo, do *status* e poder dessas personalidades, ao submetê-los ao ridículo e à banalização de sua autoridade.

Logo, o interesse em investigar os carnavais da cidade de São Paulo no período aludido tem como perspectiva capturar os múltiplos cenários de seu acontecer e também refletir sobre as modalidades das brincadeiras encenadas pelos foliões e folionas, bem como avaliar o papel dos clubes e demais espaços fechados nessas folganças, considerando-se que os indícios sugerem que, cada vez mais, eles passam a se constituir como os circuitos principais dessas festividades, mas não os únicos, a considerar o crescimento dos carnavais populares vinculados aos redutos do samba: dos antigos cordões e das emergentes escolas de samba da cidade ao longo dessas décadas estudadas.

Nesse sentido, espera-se ter capturado os múltiplos sentidos atribuídos pelos pândegos ao seu envolvimento nesses folguedos, nos diferentes espaços desse acontecer, seja nas ruas, seja nos clubes, seja nas diversas brincadeiras nas quais manifestam o seu modo de ser e de pensar a sociedade e a si mesmos, nessa festa do desgoverno que sinaliza para outro tipo de sociabilidade, fora dos entraves políticos e dos valores cotidianos que aprisionam a todos em sua teia. Os carnavais, nesse sentido, trazem as projeções de outro devir, pelo menos durante o curto período de seu acontecer.